

Carta a um jovem analista¹: a experiência do AK (Acompanhamento Kleiniano) na formação continuada²

Luciana Bocayuva Khair Junqueira

*“Não há senão um caminho.
Procure entrar em si mesmo”
Rainer Maria Rilke, 1989*

- 1 O título deste trabalho foi inspirado no título de RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta.
- 2 Trabalho apresentado oralmente na Jornada de membros do Departamento Formação em Psicanálise, em 2018 no Instituto Sedes Sapientiae.

Escrevo hoje a vocês sobre a experiência do AK como mais um lugar na formação do analista, tanto para quem o inicia, quanto para quem o coordena.

Durante a formação em psicanálise, neste departamento, existem os grupos de acompanhamento. No primeiro ano da formação, existe o AC (Acompanhamento clínico) e no segundo ano, o AK (Acompanhamento Kleiniano)³. O formato de ambos é o de um grupo de estudos. As leituras e discussões em conjunto possibilitam que o grupo processe as intensidades e angústias inerentes à formação. É, no meu entender, sobretudo um grupo de troca, de acolhimento e de processamento.

Depois de coordenar por dois anos grupos de AC, comecei a coordenar grupos de AK: foi uma caminhada de quase 5 anos, que espero poder contar pra vocês.

E como se dá o AK? A participação no AK é livre, no início do ano os interessados se inscrevem nos diferentes horários dos grupos de AK, como em uma atividade “optativa”. Digo “optativa”, para enfatizar o sentido de que há uma escolha. Cada jovem analista pode escolher fazer parte ou não, mas na medida em que opte por participar reside aí um compromisso em fazer parte ativamente do grupo, constituindo-o e construindo-o.

Para alguns jovens analistas será, no segundo ano da formação, seu primeiro contato com Melanie Klein. E começar a estudar um autor pode gerar diferentes emoções e incômodos. Mesmo a experiência de entrar em contato com o desconhecido e com o que não se compreende repercute dentro de cada um de nós com distintos tons. Nosso objetivo aqui com esse acompanhamento é que o pensamento de Melanie Klein e seu constructo teórico possa ser conhecido e compreendido, e que esta teoria possa nos ajudar a pensar nossa prática clínica. Aqui não se trata de adesão, no sentido de aderir e colar em um autor, virar adepto como uma dupla simbiótica leitor-autor, mas sim de conhecer de forma ativa uma teoria, “colocando-a para trabalhar” (LAPLANCHE, 1988). Desta forma, você terá a oportunidade de se relacionar com o autor; conversando com ele de forma simétrica, questionando-o, mas sobretudo conhecendo-o de forma mais íntima. Esse é o nosso espírito ao trabalharmos no AK.

Quero trazer para vocês algumas situações vividas nos diferentes grupos e para isso vou usar a imagem de um tear, que irá nos acompanhar ao longo deste texto. Se olharmos um tear, ele tem guias e a linha deverá passar

3 A atividade do AK no departamento Formação em psicanálise é coordenada pela professora Suzana Alves Viana, que reúne e acompanha o trabalho em um grupo de estudos com os analistas que coordenarão os encontros do AK.

as guias: ora por cima, ora por baixo; começa de um lado e segue tecendo até sair do outro lado do tear, completando uma fileira. Linha a linha vai se constituindo um tecido.

E como é tecer em grupo nas reuniões do AK?

O *modus operandi* que eu gosto no AK é o de pensar a clínica, trabalhando a construção de nosso raciocínio clínico, a partir dos casos de Klein. Nosso método de trabalho hoje foi tecido a partir da experiência prévia com os grupos de acompanhamento e do retorno dos participantes: lemos juntos trechos dos textos de Klein, nos quais a própria autora descreve seus atendimentos e assim, vamos em grupo, linha a linha, tecendo e pensando juntos. Este é o cerne da experiência do AK. Ao nos debruçarmos sobre a leitura dos casos clínicos, emergem, como associações, vinhetas dos atendimentos dos analistas do grupo e articulações com a teoria. Aos poucos, buscamos a compreensão do raciocínio clínico de Klein e cada participante do grupo vai tecendo o seu próprio raciocínio clínico.

A cada grupo uma dinâmica é estabelecida, um funcionamento. No tear, são várias linhas, com cores, texturas e ritmos diferentes de tecer. Grupos numerosos às vezes terminaram o ano como uma dupla. O que aconteceu, eu me perguntava? Inúmeras questões podem contribuir para um grupo permanecer junto ou se separar, questões internas e externas, relacionadas ou não ao grupo. Lógico que coordenar um grupo requer um manejo, e com o tempo esse manejo pode ser tecido. Olhando para o tear, eu pergunto: A linha vai por baixo ou por cima, será que pulou uma guia? E penso, no caso dos grupos que se tornaram duplas, que o resultado do trabalho foi muito gratificante. Na primeira vez que ocorreu, a jovem analista que permaneceu no grupo/dupla de acompanhamento tinha muita curiosidade e dedicação, lia muito, trazia questões e as discussões foram se aprofundando.

Em outra ocasião, surgiu um impasse em um grupo. Os participantes se dissiparam, ficou uma pessoa e fizemos uma dupla. Nós líamos e surgiam vinhetas clínicas suscitadas pela leitura e que iluminavam o que estávamos lendo. Aquela sala com pouca gente ficou cheia... de ideias, trocas, pensamentos: saíamos realizados.

Lembro do tear: tecer exige paciência e cuidado, às vezes delicadeza e firmeza. Mas, sem dúvida, muito trabalho. Ao final, na última linha-guia, atenção, por onde deve passar a linha? Passando a linha por um lado, continuamos tecendo e por outro, desfazemos a última fileira tecida. Desfazer uma linha já tecida, pode trazer certa tristeza pela fileira que já não existe mais e que fora desfeita, mas também traz em si a oportunidade de algo novo que se apresentará. Ao longo dos anos, eu me perguntava o que faria sentido oferecer neste formato de grupo de estudos, com o que poderiam se comprometer

os participantes, o que esperavam e o que eu poderia oferecer. Eu e o tear. Discussões de temas importantes podem suscitar emoções intensas, como por exemplo, sentimentos de impotência ou de falta, resistências e defesas contra angústias profundas. Dinâmicas de rivalidade, hostilidade ou até persecutoriedade às vezes eclodem, o grupo pode se desorganizar, perder de vista o seu sentido mais amplo e seu objetivo. Como aprofundar questões e sair de impasses? Se faz necessário, nesses momentos, um manejo delicado, para que o grupo se mantenha “pensante”: contendo, processando essas angústias e pensando. Temas como a importância da leitura prévia para o grupo ou sobre a frequência da análise pessoal do analista, por exemplo, podem ser válidos e extremamente importantes, embora difíceis. Poder captar o clima no grupo, compreendê-lo, devolvê-lo de forma favorável, e mais ainda discutir em grupo, é importante para abrirmos o campo e nos aprofundarmos na tarefa acordada de ampliar o conhecimento e construir o raciocínio clínico.

Em certo ano, a leitura dos textos se tornou difícil para o grupo e foi acordado que a leitura seria opcional, nos parecia (enquanto grupo) que as discussões poderiam ser alimentadas com o conteúdo que já tínhamos e que traríamos para os encontros. Não foi o que aconteceu, as discussões se tornaram pouco aprofundadas e pouco atrativas. Quando foi possível nomear para o grupo o fenômeno que acontecera, muitos já tinham se desinteressado. Mudamos a forma e conseguimos aprofundar o trabalho com outra dinâmica. Uso essa breve situação para pensarmos. Para fins desse trabalho, estou propondo um olhar, mas, como em um sonho, vários sentidos são possíveis. Poderíamos pensar o modelo de relações de objeto que estariam estabelecidas naquele momento no grupo: os participantes estariam conseguindo estabelecer relações bilaterais (grupo, como objeto; *self*, enquanto participante do grupo) ou unilaterais, nas quais uma parte recebe e a outra parte está para suprir suas necessidades? No momento em que o grupo propõe que não fariam leitura prévia, porque já havia uma carga muito alta de leituras para a formação em si (um argumento bastante válido), é como se cada participante restringisse seu investimento, enfatizando a necessidade de receber “do grupo” o conteúdo. O vínculo dos participantes acabou se empobrecendo e se esvaziando. Foi preciso poder reconhecer vários fenômenos que estavam se passando dentro do grupo, para que ele se reorganizasse e voltasse a investir no trabalho.

O retorno que tenho ouvido é que o AK é um espaço de transformação. Em geral, as discussões são muito ricas, encadeadas pelo fluxo de associações livres, envolvendo trocas entre os colegas em um espaço horizontal e criativo. Criamos um espaço para viver e experimentar todas as novidades e angústias que aprender um novo autor pode trazer. Esse ano muitas vezes rimos ao ler os casos Rita, Trude e Peter, quando as interpretações de Klein soaram como

loucas ou excessivas e, juntos em grupo, pudemos pensar as situações clínicas, as fantasias e emoções que estavam em cena no campo analítico, trazer nossos casos e articular com a teoria. Às vezes, estando o jovem analista no início de sua análise pessoal, pode ser difícil acessar uma dimensão emocional de uma camada mais profunda e interpretações mais “intelectuais” podem ser muito atrativas, por isso assinalo esta passagem. Como espaço de discussão, o AK se mostrou muito apropriado para que os membros do grupo ganhassem intimidade com os textos de Klein, ampliando a compreensão em alguns pontos de sua teoria que demandam mais tempo e cuidado, o que o formato “grupo de estudos” pode oferecer. Um espaço de aproximação.

PENSANDO O AK NA FORMAÇÃO DO ANALISTA E O ANALISTA TECENDO A SUA IDENTIDADE.

Considerando este grupo como o espaço de aproximação, também o coordenador do AK tem a oportunidade de se aproximar do que lhe é mais caro: a sua essência como analista, o seu estilo próprio, a constituição de sua subjetividade enquanto analista.

São várias e idas e vindas da linha no tear que vão compondo as faixas de cores, que vão trazendo consistência ao novo tecido que vai se constituindo, não é numa passada só, não é só uma cor de linha, é trabalhoso e demanda muito do analista. Em nosso tear interno diferentes experiências e espaços de pertinência vão trazendo um colorido próprio e singular, que somos cada um de nós. As bases teóricas, a análise, a nossa clínica, a experiência como autor, a troca com um supervisor são alicerces da nossa construção. Ao longo do tempo, o amadurecimento, os acontecimentos de vida e como lidamos com eles, mais experiência clínica e mais análise, a possibilidade de nos “despir” de todos esses alicerces enquanto ideais (OGDEN, 2011) e de criarmos (e ouvirmos) nossa própria voz, irá trazer à tona o nosso próprio estilo e o tom.

Vejam só: de onde saiu esta ideia do tear para este texto sobre o AK? No consultório tenho um pequeno tear para o atendimento de pré-adolescentes. Foi recentemente em uma sessão, com um paciente de 10 anos, que este brinquedo saiu da caixa. O menino ficou muito curioso para saber como era essa brincadeira de tear. Pediu que eu o ensinasse, junto colocamos as guias e aos poucos ele foi tecendo sua pulseira. Era uma atividade que exigia a nossa atenção para passarmos a linha por entre as guias e ficamos calados, concentrados, tecendo e pensando. Eu observei a sua curiosidade e vontade de se lançar nessa atividade nova, com cuidado, desejo e delicadeza. Quando chegou o momento de concluir uma fileira e reiniciar outra, surgiu um receio de que ele fosse “estragar” o que havíamos feito, desfazendo a fileira, e me pediu ajuda para juntos iniciarmos a segunda fileira. Essa sequência se repe-

tiu algumas vezes até que ele se encorajou e fez sozinho. Essa experiência no consultório me levou a pensar sobre o que estamos falando hoje.

A experiência de um novo lugar, não mais o de analista, o de analisando, ou de analista em formação, mas a oportunidade de assumir um lugar de transmissão da psicanálise é um passo importante. Ao ensinar, aprendemos. A cada pergunta uma viagem interna, uma desconstrução e nova construção, uma pesquisa sobre como entendemos determinado assunto ou tema e como é possível transmitir com clareza o que se pensou. O texto provoca em cada leitor uma ressonância (OGDEN,1996). Várias cores e várias linhas se entrelaçam em nosso tear, em cada leitor um texto é criado e colorido com ideias, dúvidas, memórias e associações. Várias forças emergem no grupo, muitas interações e vai sendo tecido o manejo do grupo.

A ESCOLHA DA BIBLIOGRAFIA E O MANEJO NO GRUPO.

Encontros semanais com a Suzana Alves Viana e os demais coordenadores de AK são um fio condutor em nosso tear. Nesse outro grupo usamos um texto sobre o qual pensamos teoria e clínica, fazendo-o trabalhar em nós. Estes encontros contribuem para a construção do clima do AK.

Juntos escolhemos o tema e a bibliografia do AK. Cada coordenador de AK decide como trabalhar os textos da bibliografia com o grupo e como irá manejar o grupo que coordena. Selecionar e indicar a bibliografia do AK pode ser uma viagem incrível, conhecendo novos autores, trazendo conceitos importantes para a clínica de cada um de nós: é uma oportunidade valiosa e especial.

No primeiro semestre, a bibliografia do AK conversa e complementa a bibliografia do seminário teórico de Klein, que estuda o complexo de Édipo. Os artigos nesta primeira etapa são, em sua maioria, do livro “Psicanálise da criança” e trazem Klein em seu início, quando importantes conceitos ainda não foram trabalhados, mas podem começar a aparecer nas entrelinhas. Cada grupo mergulha nas entrelinhas ao seu modo e a cada ano, vai ficando mais rico, mais colorido, mais apaixonante tecer esse tecido junto com os participantes do grupo.

Para o segundo semestre, ao longo dos últimos anos temos escolhido diversos temas. E para esse ano, temos muita expectativa, já que iremos trabalhar com a contratransferência. Aqui não em um sentido restrito, como a transferência do analista e um obstáculo (à análise) a ser superado. Mas, em um sentido mais amplo, como tantos autores já escreveram, pensando o analista como instrumento fundamental da análise e a contratransferência como poderosa ferramenta para se compreender manifestações inconscientes do paciente, que só poderiam ser comunicadas ou acessadas desta forma, ampliando o campo da análise para aspectos primitivos da mente. Por meio de

textos de autores atuais que trazem casos clínicos, entraremos no legado de Klein, nos desenvolvimentos posteriores à sua teoria, a partir de importantes conceitos construídos pela autora. Novas cores para nosso tear.

A cada ano, um novo grupo. Ano após ano, novas leituras, releituras e novas conversas. Um novo tecido no tear, novas cores e tons, novas trocas e aprendizados. A cada grupo, um novo coordenador emerge, mais vai-e-vem no tear tecendo o analista. Parece que as faixas de cada cor no tear vão ficando mais densas, mais próprias. Nesse processo vai se depurando quem é essa analista. Sou Luciana, cada vez mais Luciana.

REFERÊNCIAS

GABBARD, G.O.; OGDEN, T. H. Tornar-se psicanalista. *Livro Anual de Psicanálise*, São Paulo, v. X, n. 24, p.117-130, 2011.

LAPLANCHE, J. É preciso queimar Melanie Klein? In: LAPLANCHE, J. *Teoria da sedução generalizada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. 126p.

OGDEN, T. H. Tornar-se um sujeito. In: OGDEN, T. H. *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do psicólogo, p.1-10, 1996

RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. São Paulo: Globo, 1989. 109 p.